

JORNAL DE BRASÍLIA

Coerência na economia

Se examinadas as realidades da economia brasileira mediante o isolamento das partes que compõem o conjunto, há uma aparente falta de unidade de ação nas medidas adotadas pelo Governo de tempos em tempos. Entretanto, vistas com isenção, elas representam apenas a coerência diante do firme propósito de defender o Plano Real e impedir a volta da inflação que, por tanto tempo e com taxas tão elevadas, foi o peso do povo brasileiro, especialmente dos assalariados.

Com efeito, o Plano Real propiciou ao País um crescimento em base efetiva, com moeda forte e sem retrocesso. A taxa de crescimento da economia, ontem divulgada, mostra 9,5% de desenvolvimento desde a implantação do plano, em 1º de julho de 1994. Ora, o crescimento descontrolado pode ser um realimentador da inflação, o que tem levado o governo FHC, de vez em quando, a baixar medidas tendentes a conter o consumo exagerado, apertando, por exemplo, a torneira do crédito ao consumidor, reduzindo prazos de consórcios e de vendas a prazo e até facilitando importações para concorrer, em melhores preços, com similares nacionais. Da mesma forma, também arrocha essas importações quando o volume de bens importados — caso dos automóveis estrangeiros — configurava outro fenômeno de consumismo exagerado e prejudicial, por

causa do baixo imposto, que deixava o carro importado com preços abaixo do seu similar nacional.

É por esse ângulo de conjunto que devem ser vistas — e até criticadas, quando for o caso — as medidas econômicas baixadas pelo Governo. Ainda agora, as autoridades monetárias ameaçam com novas medidas para conter o consumo. Ao mesmo tempo, redes de supermercados reivindicam tarifas mais baixas para determinadas mercadorias importadas, como forma de aumentar ainda mais a concorrência com os similares nacionais. Por trás disso, como se sabe, existe todo um velho conflito de interesses entre a indústria e o comércio no setor de alimentos, eletrodomésticos e eletroeletrônicos.

É preciso, entretanto, que as autoridades econômicas mantenham a coerência que tem caracterizado o desempenho da política econômica até agora. Recuos ou avanços por caminhos diferentes poderiam resultar contraproducentes. O País tem sempre em vista que o real nasceu com Fernando Henrique Cardoso, quando ministro da Fazenda. E é com o mesmo FHC, agora Presidente da República, que o plano econômico continua a gozar da confiança dos brasileiros, mesmo quando são adotadas iniciativas de restrição de consumo que certamente não agradam aos consumidores, nem no Brasil e nem em qualquer outra nação do mundo.